

---

## A DESCOBERTA DA DIFERENÇA EM “A MENSAGEM”, DE CLARICE LISPECTOR<sup>1</sup>

---

Midiane Mércia Viana Oliveira<sup>2</sup>  
Sandra Maria Pereira do Sacramento<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta uma análise do conto clariceano “A mensagem”, percebendo o desvelamento da diferença entre os sexos que ocorre ainda na adolescência. Para tanto, a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em Gotlib (2009), pesquisadora da vida e da obra de Clarice Lispector; Badinter (1993), Beauvoir (2008), Bourdieu (1999) e Butler (2007, 2012) autoras que abordam questões referentes aos estudos de gênero, uma vez que estes mostram que a delimitação de papéis sexuais é de cunho social e discursivo, embora por vezes tenha sido justificada por uma naturalização do que seriam características próprias ao feminino e ao masculino. Os resultados demonstram que ainda que ocorra a identificação e a cumplicidade entre personagens de sexos diferentes, o rompimento acontece, pois eles são preparados para exercer papéis cuja existência os antecedem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Brasileira. Clarice Lispector. Conto. Estudos de gênero.

**RESUMEN:** El artículo presenta un análisis del cuento clariceano “A mensagem” (LISPECTOR, 1999), al darse cuenta del descubrimiento de la diferencia entre los sexos que ocurre en la adolescencia. Con este fin, la investigación bibliográfica se basa en Gotlib (2009), un investigador de la vida y obra de Clarice Lispector; Badinter (1993), Beauvoir (2008), Bourdieu (1999) y Butler (2007, 2012) escritores que abordan cuestiones relativas a los estudios de género, pues estos muestran que la delimitación de roles sexuales es de cunho social y discursivo, aún que a veces tengan sido justificados por una naturalización de las características típicas a lo femenino y lo masculino. Los resultados muestran que aún que suceda la identificación y la complicidad entre los personajes de diferentes sexos, la interrupción ocurre porque están preparados para ejercer funciones cuya existência es anterior a ellos.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura Brasileña. Cuentos. Estudios de género.

---

<sup>1</sup>Uma versão desse trabalho foi apresentada no IV SENALIC, em 2012.

<sup>2</sup>Mestranda em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Especialista em Epistemologia e Fenomenologia – UESC. Graduada em Filosofia – UESC. Email: messiaviana@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Orientadora. Professora Titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutorado na Universidade de Poitiers – França. Email: sandramsacra@uesc.br

Em alguns contos de Clarice Lispector encontram-se presentes noções das distinções entre feminino e masculino, a autora, através de suas palavras, possibilita o direcionamento de uma crítica ao sistema cultural que determina o lugar específico de cada gênero. Ela não levanta uma bandeira a favor do feminismo, mas sua escrita revela elementos da época em que viveu, permitindo assim o levantamento de questionamentos a partir da relação entre literatura e realidade, já que a literatura oferece personagens que representam papéis existentes na sociedade.

Suas personagens, tanto masculinas quanto femininas, encontram-se, muitas vezes, em simultâneo estado de aprisionamento, delimitadas pelo que não podem ser e pelo que devem ser. Os limites sociais colocados a partir da categoria gênero atribuem comportamentos próprios aos sexos, essa demarcação estabelece a relação entre os indivíduos baseada em modelos previamente estabelecidos e reproduzidos socialmente.

Nessa perspectiva, tornou-se possível a análise do conto “A mensagem”, que faz parte do livro **A Legião Estrangeira**, publicado em 1964, sendo republicado no livro **Felicidade Clandestina** em 1971. O conto mostra a tensão presente na oposição entre feminino e masculino, revelando “a mensagem” — a verdade que desvela a diferença que até então estava escondida. Demonstrando a força dos papéis sexuais estabelecidos que não permitem que homens e mulheres compartilhem o mundo igualmente.

No conto “A mensagem” (LISPECTOR, 1999), um rapaz e uma moça se relacionam na adolescência, momento em que ocorre um interesse recíproco entre os personagens, constituindo uma busca de identificação com o sexo oposto. A ligação inicia-se por meio da descoberta da angústia como um sentimento comum, seguida da constatação, por parte do rapaz, de que a percepção da existência e da angústia seriam prerrogativas do sexo masculino, sendo difícil atribuir tal sentimento e a reflexão advinda dele a uma mulher.

Assim, ainda que tenha acontecido uma identificação inicial, o fato de ela ser uma mulher o incomodava, ou seja, não lhe era confortável dividir pensamentos e sentimentos com uma pessoa do sexo oposto, o que o fazia

esconder o espanto, a alegria, a admiração, qualquer sentimento que enaltecisse uma moça que pensava como ele, que era um rapaz.

A angústia aparece como algo elevado, para poucos, sentido por aqueles que se inquietam diante das coisas do mundo e de sua própria existência. Nota-se a inquietação vinculada a um desejo de ser, com o predomínio da consciência reflexiva, notadamente ligada a uma temática existencial. Logo, a angústia é um elemento importante em um terreno onde as coisas se desmascaram silenciosamente (NUNES, 1995).

Os personagens se sentiam diferentes em relação às outras pessoas que não entendiam nada — pensavam, refletiam, eram angustiados — estavam ligados nessa cumplicidade. Podiam compartilhar também tantas outras coisas, pois não eram iguais aos “outros”, que dispunham de armadilhas para enganar os moços e, além disso, nada faziam senão viver. Eles formavam, em certa medida, uma totalidade que lhes trazia a sensação de serem iguais; ligados pela angústia passaram a se sentir “híbridos”, mas ainda não tinham escolhido um modo pessoal de ser, buscavam uma representação de si, que identificasse a completude que haviam encontrado um no outro “[...] — híbridos eles se procuravam, mal disfarçando a gravidade” (LISPECTOR, 1999, p. 31).

Passaram então a entender-se quase que plenamente, entretanto, o personagem masculino continuava a tratar a possibilidade de completude com austeridade, preocupado em manter as emoções controladas. Oliveira em **A construção social da masculinidade** (2004, p. 13) afirma que a masculinidade no Ocidente, ainda que simbólica, fundamenta valores e também se constitui como um cultuado valor social. Sua reprodução se mantém nos mais diversos processos sociais e foi construída a partir de “uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamento socialmente sancionado”. Entre esses valores estão o ideal de virilidade e de homem forte com o controle das emoções; a fraqueza, a fragilidade e a emotividade devem ser escondidas, pois, estão associadas a comportamentos femininos.

Segundo Badinter, em *XY: sobre a identidade masculina* (1993, p. 76), o reconhecimento de ter se tornado um homem encontra-se ligado a “estar entre aqueles que romperam com a fraqueza e a dependência da infância”. Buscando afirmar sua masculinidade, um rapaz passaria por ritos de iniciação até tornar-se de fato um homem, dentre os elementos presentes nesse momento de transição do menino para o homem, estaria a rejeição de qualquer ligação emocional com as mulheres.

No conto analisado, pode-se perceber que o fato de a moça também sofrer com a angústia conferia-lhe um caráter masculino, de “camarada”, simplificando para o rapaz o modo de tratá-la. Por essa razão, o fato de ela ser uma mulher passa a ser mascarado, para que o rapaz conviva com ela tranquilamente, como se fosse uma pessoa do seu sexo. Ainda que tenha ocorrido uma identificação inicial, o estranhamento é permanente, em alguns trechos da narrativa aparece para o rapaz a desconfiança de que uma verdadeira completude seja possível.

A moça, por sua vez, “também passou a ostentar com modéstia aureolada a própria angústia, como um novo sexo” (LISPECTOR, 1999, p. 31), isso lhe dava um novo patamar, pois, poderia ser vista como homem. Entretanto, passou a perceber o que estava acontecendo, cansando-se de ser na percepção do rapaz a única mulher que entendia a respeito da angústia. Apesar de saber que este fato lhe conferia certo caráter intelectual, elevando-a a um suposto patamar masculino, percebeu que estava acontecendo certos equívocos, pois ambos aspiravam a serem autênticos, e sua autenticidade estava sendo cerceada, quando, por exemplo, o rapaz delimitava o que já estava superado.

Ao mostrar-se como uma mulher que pensa, a moça camufla-se num suposto patamar masculino que é aquele socialmente aceito, perdendo os chamados atributos femininos. Porém, passou a sentir-se incomodada em ter sua opinião levada em consideração porque era vista como alguém do sexo masculino, queria ser vista como uma mulher capaz de pensar, mas isso era a todo tempo mascarado, para que não viesse à tona.

A adolescência aparece no conto como um período de preparação para a delimitação definitiva dos papéis sexuais e sociais que aparecerão claramente na

vida adulta. Os personagens do conto em questão queriam aprender um com o outro, estar prontos para um futuro que os esperava, “entre um passado irrecuperável que se buscava e um presente angustioso de que se foge” (NUNES, 1995, p. 114). Assim, “a linha escorregadia que percorre ‘A mensagem’, [...] ata os dois adolescentes no difícil e angustioso processo de crescimento e amadurecimento sexual” (ARÊAS, 2005, p. 131).

O rapaz e a moça sabiam que mentiam, por forjar uma suposta cumplicidade entre eles, agarrando-se a um fio de juventude que os salvava de serem iguais às outras pessoas comuns que seguiam as rígidas normas sociais, massificando-se em padrões de comportamento. Havia também uma vaga consciência de que existia algo falso naquela relação, eles não sabiam afinal o que queriam e agarravam-se um ao outro numa espécie de processo de aprendizagem, um exercício de iniciação, “usavam-se impacientes, ensaiando um com o outro o modo de bater asas para que enfim — cada um sozinho e liberto — pudesse dar o grande vôo solitário que também significaria o adeus um do outro” (LISPECTOR, 1999, p. 33). Eles precisavam um do outro temporariamente.

A narrativa aponta para uma revelação que está por vir, mostrando aos poucos as diferenças que os impedem de serem “híbridos” de fato:

E o rapaz, naquela rua da qual eles nem sabiam o nome, o rapaz pouco tinha do homem da Criação. O dia estava pálido, e o menino mais pálido ainda, involuntariamente moço, ao vento, obrigado a viver. Estava porém suave e indeciso, como se qualquer dor só o tornasse ainda mais moço, ao contrário dela, que estava agressiva. Informes como eram, tudo lhes era possível, inclusive às vezes permutavam as qualidades: ela se tornava como um homem, e ele com uma doçura quase ignóbil de mulher (LISPECTOR, 1999, p. 36).

Percebe-se uma espécie de processo de mutação, como se o crescimento acontecesse naquele momento, naquela rua onde estavam, numa transição infância-adolescência-idade adulta. O rapaz tinha dezesseis anos, o tempo passava e ele virava moço-homem, independente da sua vontade. Ele estava “suave e indeciso”, suportar a dor lhe acentuava ainda mais o caráter masculino. Ela, por sua vez, estava agressiva, não tinha o controle de suas

emoções. Entretanto, eles eram informes, podiam ainda ser como desejassem, permutando até mesmo qualidades consideradas masculinas e femininas.

O momento de rompimento entre eles acontece num instante súbito, epifânico, de uma angústia autêntica e personificada, ocorre quando a moça se vê frente à casa velha o que acaba culminando num dar-se conta da distinção entre os gêneros, com a assunção dos papéis previamente estabelecidos para ambos. Tinham sido finalmente capturados, havia chegado o momento de que tanto haviam fugido e que vivia à espreita, “os dois encontram a verdade, que os deixa prontos para a separação” (GOTLIB, 2009, p. 437).

A casa era a personificação da angústia de ambos, do que os uniu inicialmente e que já não era suficiente para mantê-los unidos:

A casa simbolizava alguma coisa que eles jamais poderiam alcançar, mesmo com toda uma vida de procura de expressão. [...] Agora, tão menores que ela, parecia-lhes que tinham apenas brincado de ser moço e doloroso e de dar a *mensagem*. [...] “Rende-te sem condições e faze de ti uma parte de mim que sou o passado” (LISPECTOR, 1999, p. 39).

A casa era real, um monumento anterior aos jovens, indicando uma possível memória, trazendo consigo histórias e valores de outras épocas, “os jovens aprendem que a tradição lhes legou tanto uma diferenciação sexual quanto uma discriminação de gêneros” (BARBOSA, 2001, p. 136).

Após o encontro com a casa velha, segue-se o desvelamento da diferença, aparecendo na descrição dos modos distintos, até então encobertos, do rapaz e da moça estarem no mundo:

“Meio que chorar nessa hora é bem de mulher”, pensou ele do fundo de sua perdição [...] mas esta foi a primeira solidez que ele encontrou para si mesmo. Agarrando-se a essa primeira tábuca, pôde voltar cambaleante à tona, e como sempre antes da moça. [...] Ainda vacilante ele esperou com polidez que ela se recompusesse. Esperou vacilante, sim, mas homem. Um corpo de homem era a solidez que o recuperava sempre. Volta e meia, quando precisava muito, ele se tornava um homem. Então, com mão incerta, acendeu sem naturalidade um cigarro, como se ele fosse os *outros*,

socorrendo-se dos gestos que a maçonaria dos homens lhe dava como apoio e caminho. E ela?

Mas a moça saiu de tudo isso pintada com batom, com o ruço meio manchado, e enfeitada por um colar azul. Plumas que um momento antes haviam feito parte de uma situação e de um futuro, mas agora era como se ela não tivesse lavado o rosto antes de dormir e acordasse com as marcas impudicas de uma orgia anterior. Pois ela, volta e meia, era uma mulher. Com um cinismo reconfortante, o rapaz olhou-a curioso. E viu que ela não passava de uma moça (LISPECTOR, 1999, p. 39-40).

Ao se reconhecerem como sexos opostos, as atitudes do rapaz agarram-se numa solidez que cresce diante da fragilidade da moça, nesse instante, rapaz e moça tornam-se, efetivamente, homem e mulher para o mundo. Segundo Arêas (2005), na articulação entre feminino e masculino, pode-se notar a superioridade do personagem masculino.

No momento em que eles se reconhecem como sexos opostos, as atitudes do rapaz apelam para a fortaleza do homem, enquanto que as atitudes da moça apontam para a sua fraqueza, a vergonha na face, o pudor e a culpa. Bourdieu em **A dominação masculina** (2010, p. 79) afirma que existem diferentes formas de homens e mulheres servirem-se de seus corpos, por meio de diferentes posturas atribuídas e realizadas pelo corpo masculino e feminino, repletas de simbologias e representações. Nesse sentido, percebe-se que a superioridade do homem aparece no rapaz, já na moça desmascara-se o fardo de ser uma mulher, de ser reduzida a uma condição, humilhada, olhada por todos — constituída como “corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros”.

Na presença da casa velha, a moça se vê apenas como uma mulher, fraca, ofendida e humilhada; diante de um homem que ainda que seja da sua idade, sai triunfante. O rapaz utiliza-se de elementos que reforçam sua virilidade, como o ato de acender um cigarro, ainda que vacile, o fato de ser homem resguarda para ele um lugar de força e poder no mundo.

A moça, por sua vez, resume-se a uma coisa para ser vista:

[...] na falta de jeito de em tão má hora ter seios e um colar [...] E ela, com batom e ruge, procurou disfarçar a própria nudez enfeitada. Ela não era nada, e afastou-se como se mil olhos a seguissem, esquivando na sua humildade de ter uma condição.

[...] O rapaz viu-a afastar-se, acompanhando-a com olhos pornográficos e curiosos que não pouparam nenhum detalhe humilde da moça (LISPECTOR, 1999, p. 40-41).

A moça encontra-se sob o olhar masculino, submetido a ele, inferiorizada, diante da sua condição de mulher. Irigaray afirma em **Ese sexo que no es uno** (2009) que o corpo da mulher é corpo determinado, dispõe-se a um desejo que não é seu, objeto a serviço do exercício do prazer do homem.

A diferença entre os sexos aparece descrita no conto nos lugares de ancoragem esperados, que respaldam a dicotomia força masculina em oposição à fragilidade feminina:

De qualquer tremor da terra, ele saía com um movimento livre para a frente, com a mesma orgulhosa inconseqüência que faz o cavalo relinchar. Enquanto ela saiu costeando a parede como uma intrusa, já quase mãe dos filhos que um dia teria, o corpo pressentindo a submissão, corpo sagrado e impuro a carregar. O rapaz olhou-a, espantado de ter sido ludibriado pela moça tanto tempo, e quase sorriu, quase sacudia as asas que acabavam de crescer. Sou homem, disse-lhe o sexo em obscura vitória. De cada luta ou repouso, ele saía mais homem, ser homem se alimentava mesmo daquele vento que agora arrastava poeira pelas ruas do Cemitério São João Batista. O mesmo vento de poeira que fazia com que o outro ser, o fêmeo, se encolhesse ferido, como se nenhum agasalho fosse jamais proteger a sua nudez, esse vento das ruas (LISPECTOR, 1999, p. 41).

Aparecem aí elementos distintivos como o orgulho do macho, do ser homem, do falo como único sexo reconhecidamente valioso (IRIGARAY, 2009), bem como o “eterno feminino”, que apresenta a mulher como frágil, inútil e submissa; além disso, a moça é descrita como determinada pelo seu corpo. Enquanto o corpo do rapaz é livre e forte, o dela é humilhado e preso ao seu destino biológico de ser mãe.



O corpo da moça é prisão, corpo de fêmea confinada em seu sexo, destinado à reprodução, impuro na menstruação e no desejo que desperta nos homens, mas a serviço da maternidade — “a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa” (BEAUVOIR, s.d., p.49). Já o corpo do rapaz encontra-se em relação direta com o mundo. No conto em análise, o mesmo vento que fortalecia o sexo masculino, fragilizava o feminino.

Quando a moça corre para pegar o bonde, a narrativa revela que a distinção dos papéis sexuais não é pacífica, mas dolorosa para os dois envolvidos. Ao vê-la ir embora, sem justificarem-se a respeito do rompimento, o rapaz sente a perda, nesse momento, o falso cigarro cai de sua mão, um desequilíbrio o toma e ocorre um momento de encantamento pela ação da moça. Acabava de nascer homem e um peso já lhe tomava o peito:

Ignorante, inquieto, mal assumira a masculinidade, e uma fome ávida nascia, uma coisa dolorosa como um homem que nunca chora. [...] Mas, atolado no seu reino de homem, ele precisava dela. [...] Ele precisava dela com fome para não esquecer que eram feitos da mesma carne [...] (LISPECTOR, 1999b, p. 42).

Diante da obrigação de provar que é de fato um homem encara o conflito da necessidade do feminino, esse alguém que pode auxiliá-lo na caminhada da vida, uma companheira. Rapidamente, o personagem busca escapar desse momento de fraqueza. “Agora e enfim sozinho, estava sem defesa a mercê da mentira pressurosa com que *os outros* tentavam ensiná-lo a ser um homem” (LISPECTOR, 1999b, p. 42). Sentindo-se sem amparo, nem saída, o conto termina, ironicamente, com o rapaz chamando por sua mãe.

Segundo Badinter (1993, p. 133-134), o sistema patriarcal que dominou o mundo desde milênios, instaurou a diferença radical dos papéis e das identidades sexuais, fazendo-os ocupar um lugar de honra. O personagem masculino acabava de tornar-se um homem, e as responsabilidades de tal condição já se lhe impunham, pois, o homem vive em luta contra si mesmo “para jamais ceder à fraqueza e à passividade que estão sempre à sua espreita [...] homem duro, solitário porque não precisa de ninguém impassível, viril a toda prova”. Badinter

demonstra que o homem batalha durante toda a sua vida para provar que é mesmo um homem, seguindo determinados imperativos da masculinidade que dizem respeito a isentar-se de toda feminilidade, ser superior em relação aos outros, ser independente e não demonstrar emoção ou fraqueza; ser mais forte do que os outros, usando até mesmo a violência quando necessário.

Desse modo, o comportamento que é definido pelas sociedades como adequadamente masculino “é feito de manobras de defesa: temor às mulheres, temor de manifestar qualquer tipo de feminidade, inclusive sob forma de ternura, passividade ou cuidados dispensados aos outros” (BADINTER, 1993, p. 49).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Arêas (2005), no conto “A mensagem” (LISPECTOR, 1999b), os adolescentes encontram-se atados num processo de crescimento e de amadurecimento sexual difícil e angustioso para os dois envolvidos, “usavam-se impacientes, ensaiando um com o outro o modo de bater asas para que enfim — cada um sozinho e liberto — pudesse dar o grande vôo solitário que também significaria o adeus um do outro” (LISPECTOR, 1999b, p. 33).

Apesar de masculino e feminino constituírem-se numa possibilidade de completude, essa não se realiza devido a imposições externas aos indivíduos. As férias do ano letivo encerram não só a vida escolar como também a adolescência dos personagens, apontando para um futuro de responsabilidades, conseqüentemente, de papéis a serem exercidos.

A constante ameaça da diferença e do estranhamento, do que é permitido ou não para um homem ou uma mulher, impossibilitou que acontecesse uma relação duradoura entre os jovens. Eles viviam em constante tensão, impedidos de continuarem unidos e caminhando para o rompimento.

No conto analisado, mesmo considerando a moça inferior, o rapaz teve um instante em que chegou a pensar na necessidade que tinha dela, mas, não cedeu à fraqueza, sabia agora que mulher servia para outra coisa. Segundo Barbosa (2001, p. 137), “de acordo com a iniciação que recebera, homem não pode

sucumbir à descrença ou à incredulidade durante o processo de aprendizagem das regras patriarcais”.

O rapaz e a moça não se compreendiam mais, como havia acontecido inicialmente, “como na primeira vez em que ela dissera que sentia *angústia* e, por milagre, também ele dissera que sentia, e formara-se o pacto horrível” (LISPECTOR, 1999, p. 35). Eles seguiam, até então, forjando uma cumplicidade que já não existia, um acidente que nunca poderia ter acontecido. Estavam, enfim, preparados para a separação.

Butler em **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (2012, p. 37) defende que os corpos sexuados adquirem sentido cultural por meio das marcas de gênero, pois “as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero”. Nessa perspectiva, a nomeação do sexo é um ato performativo que domina e coage os indivíduos, instituindo uma realidade social através da construção de uma percepção da corporeidade bastante específica, delimitando características distintas para os sexos. O gênero seria essa identidade constantemente construída e reforçada por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos ou comportamentos.

Em **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”** (2007), Butler reforça que os valores atribuídos ao corpo acabam constituindo-o tal como ele é pensado. O sexo, além de ser uma norma social, é parte de uma prática regulatória que produz os corpos, governando-os e determinando-os, e essa força regulatória apresenta-se como o poder produtivo que demarca e diferencia os corpos que controla. A materialização do sexo no corpo é imposta através da reiteração, da performatividade, que é o modo como o discurso produz certos efeitos, repetindo-os e perpetuando-os. As normas regulatórias materializam o “sexo” por meio do e no corpo.

Segundo Beauvoir em **O segundo sexo: a experiência vivida** (2008, p. 78), no que concerne à reflexão da autora sobre as adolescentes, constata que diante da relação das jovens com os rapazes, sua humildade não provém de uma inferioridade, mas da situação em que são colocadas durante suas vidas “tem a sua

origem no passado da adolescente, na sociedade que a cerca e, precisamente, nesse futuro que lhe é proposto”.

A adolescência aparece no conto como um período de preparação para estabelecer o limite definitivo dos papéis sexuais e sociais. Os personagens do conto analisado queriam aprender um com o outro, estar prontos para o futuro que os esperava, “entre um passado irrecuperável que se buscava e um presente angustioso de que se foge” (NUNES, 1995, p. 114). O esfacelamento da amizade, que ocorre no decorrer do processo de iniciação, se dá em direção ao caminho da vida adulta, quando se segue sozinho a fim de desempenhar papéis já existentes.

#### REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector**: com a ponta dos dedos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Clarice Lispector**: des/fiando as teias da paixão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Col. Memória das Letras, 8).

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, s.d.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. Lisboa: Bertrand Editora, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helen Kühner. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: problemas da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

GOTLIB, Nádia B. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Edusp, 2009.

HELENA, Lúcia. **Nem musa, nem Medusa**: itinerários da escrita em Clarice Lispector. Niterói, RJ: EDUFF, 1997.

IRIGARAY, Luce. **Esse sexo que no es uno**. Trad. De Raúl Sánchez Cedillo. Madrid-España: Akal, 2009.

LISPECTOR, Clarice. A mensagem. In: **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.30-42.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. 2ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

**Recebido em junho de 2013.**

**Aprovado em setembro de 2013.**

